

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e **O POVO** se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

Educação: o berço do futuro

Patrícia Campos
patricia@camposadv.com.br

Quando se fala em desenvolvimento de um país, é comum pensarmos em economia, infraestrutura, tecnologia ou geração de empregos. Mas há algo que antecede e sustenta tudo isso: a educação.

A educação é o berço do desenvolvimento. É onde se formam não apenas profissionais, mas cidadãos capazes de compreender o mundo, fazer escolhas, criar oportunidades e transformar a própria realidade. Quanto maior o acesso a uma educação de qualidade, menores tendem a ser os espaços ocupados pela pobreza, pela violência, pela desigualdade e pela falta de perspectivas.

Educar não significa apenas transmitir conteúdo. Educação gera autonomia. Ensina a pensar, amplia horizontes e oferece instrumentos para que uma pessoa construa seu caminho com mais liberdade e dignidade.

Ao longo da minha trajetória profissional e institucional, tive a oportunidade de conviver com realidades diferentes, no Brasil e fora dele. Uma constatação

se repete: sociedades que tratam a educação como prioridade constroem bases mais sólidas para crescer.

Investir em educação é investir em produtividade, inovação, cidadania, segurança e justiça social.

Esse compromisso não pode se limitar à escola. Ele começa na família, passa pelos professores, pelas instituições, pelas empresas e alcança toda a sociedade. A escola é fundamental, mas educar também é ensinar pelo exemplo, estimular a curiosidade, valorizar o conhecimento e mostrar às novas gerações que estudar continua sendo um dos instrumentos mais poderosos de transformação.

Talvez o maior desafio seja compreender que os resultados da educação nem sempre aparecem de imediato. São construídos ao longo dos anos. Por isso, educar exige visão de futuro.

Um país pode crescer por circunstâncias econômicas. Mas somente pela educação consegue transformar crescimento em desenvolvimento duradouro. E qualquer projeto sério de futuro precisa começar pela educação.

Entre aprender e ensinar

Flávia Chagas
psiflaviachagas@gmail.com

Durante muito tempo, quando eu pensava em professores, lembrava daqueles que estavam na frente de uma sala de aula. Hoje percebo que essa definição ficou pequena demais.

Tive professores na escola que me apresentaram mundos que eu nem conhecia. Alguns ensinaram conteúdos. Outros, talvez sem perceber, me ensinaram confiança, curiosidade, disciplina e até a coragem de fazer perguntas.

Depois vieram os professores da faculdade. E, no meu caso, duas faculdades, separadas por muitos anos de vida. Voltar a ser aluna depois de tanto tempo foi uma experiência curiosa. Eu já não era a mesma e estudar também já não significava a mesma coisa. Voltei com experiências, certezas, dúvidas e uma vontade enorme de aprender de novo. Economia e Psicologia me ensinaram diferentes formas de olhar o ser humano e o mundo. E, talvez, uma das coisas mais bonitas de continuar estudando seja descobrir

que, quanto mais aprendemos, menos certezas cabem na nossa mala. Sócrates já tinha nos avisado: reconhecer o que não sabemos também é uma forma de sabedoria.

Mas meus professores nunca estiveram apenas nas salas de aula. Tive mestres no trabalho e muita sorte com eles: gestores parceiros, que ensinaram fazendo, confiando, corrigindo e me colocando diante de desafios para os quais eu jurava não estar pronta. E a vida, claro, também colocou mestres pelo caminho. Hoje vivo algo que ainda me causa certo estranhamento: em algumas salas sou aluna, em outras, sou eu quem está à frente da turma. Chamar a mim mesma de professora ainda me parece uma responsabilidade enorme. Talvez porque, tendo sido tão marcada pelos meus, eu saiba o tamanho que um professor pode ocupar na história de alguém.

No fim, os grandes professores não nos entregam apenas respostas. Eles mudam as perguntas que fazemos. E algumas delas nos acompanham pela vida inteira.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

A vocação precisa de testemunha

Gabriel Jereissati
Jornalista, coordenador de conteúdo da Diretoria Institucional do Grupo de Comunicação O POVO

Fala-se muito da desvalorização dos professores como se coubesse no valor do contracheque. Não cabe. O salário é a face mais indecente, mas existe algo mais grave: deixamos de ver o professor como quem muda destinos. Transformamos a educação numa engrenagem de conteúdos e aprovações: o estudante cumpre tarefas, o professor vence planejamentos pedagógicos, e perde-se o mais poderoso da escola, perceber uma aptidão antes que tenha nome.

Tive uma professora, Inês. Entre as atividades, havia uma tarefa extra para melhorar a média, batizada com uma ordem simples: “Escreve, garoto”. Era a única que eu esperava por vontade própria; os outros pesavam como obrigação, aquele convite abria espaço. O “Escreve, garoto” era buscar uma notícia e escrever um parágrafo sobre o que você entendeu sobre ela. Foi ali que nasceu o que viraria jornalismo e tudo que fiz ao redor da palavra. Não porque Inês previsse uma profissão, mas porque reconheceu o que vinha antes dela: eu gostava de escrever, de transformar o mundo em texto para entendê-lo.

Há diferença entre ensinar uma competência e reconhecer uma vocação. A primeira é o que alguém consegue fazer; a segunda, o que faria sem ser obrigado. Costuma aparecer como excesso de curiosidade, insistência, prazer. Por isso a desvalorização docente custa o que nenhuma planilha mede: olhares para identificar futuros profissionais, escritores e artistas, relegados a se descobrirem sozinhos. É confortável dizer que cada um encontra seu caminho, mas ninguém o encontra sem sinais e incentivos; a vocação nasce do encontro entre uma aptidão íntima e quem a reconhece. Inês entregou-me um verbo no imperativo, e uma vida começou a partir daí.



É confortável dizer que cada um encontra seu caminho, mas ninguém o encontra sem sinais e incentivos”



Educação é o caminho

Elias Oliveira
Gerente de Controladoria

Sou da zona rural de Pacajus, interior mesmo, sabe? Estudei em colégio público até a 6ª série, depois fui estudar na sede da cidade no particular. No começo foi muito difícil, a distância do que eu via na escola pública e o que passei a ver no novo colégio era abissal. Mas minha mãe (Francisca) sempre estava lá para ajudar, como professora sempre colocou nas nossas cabeças que a educação é tudo.

De lá, passei na UFC, boa parte do curso eu ia e voltava para Fortaleza. Tinha dias que eu saía às 5h de casa, tinha aula e ia para estágio até as 17h, pegava ônibus, parava em Horizonte na volta para fazer curso de inglês até as 21h, chegava em casa depois de 22h. No dia seguinte, tudo de novo. Pensei em desistir muitas vezes.

Logo saindo da faculdade consegui entrar em uma multinacional, consegui fazer intercâmbio para aprimorar meu inglês, viajei muito pelo Brasil, conheci muitas pessoas, empresas e negócios. Todas essas experiências fizeram com que chegasse no que sou hoje, líder da Controladoria de uma grande empresa nacional.

O caminho não foi fácil e continua não sendo, viu? Continuo a estudar, a ler artigos, acompanhar as notícias, ler normas, etc. Estudar é algo para o resto da vida.

Sou formado em Contabilidade, meu irmão Engenheiro Civil e minha irmã se formando em Enfermagem, todos pela UFC. Mesmo sendo clichê eu reafirmo, educação transforma vidas! Dedico esse texto a todos os professores e, principalmente, à minha mãe, que nos fez entender desde cedo que a educação é o caminho.

Cognitive offloading ou a “jumentização” do raciocínio

Mauro Oliveira
Professor do IFCE, doutor pela Sorbonne com pós-doutorado em Londres e Ottawa

Alan Turing não tinha ChatGPT. Nem usava aquelas rapaduras eletrônicas com 4 Rayovacs amarelinhas.

Sua geração fazia contas com régua de cálculo, uma engenhoca de plástico que obrigava a gente a fazer algo hoje perigosamente terceirizável: pensar.

A calculadora chegou terceirizando a aritmética. O Google, a consulta ao “Aurélio”. O GPS, o senso de direção. Agora, a IA generativa avança baratinando a nossa cucuruta: escreve, resume, interpreta, compara, argumenta. Ganhamos velocidade. Perdemos o quê? A ciência tem nome pra isso, menos irreverente que “jumentização”: *cognitive offloading* ou descarregamento cognitivo.

Pesquisadores do MIT monitoraram universitários escrevendo redações. O grupo que utilizou ChatGPT apresentou menor originalidade, menor engajamento e conectividade neural... uma “dívida cognitiva”, disseram eles.

Sócrates, no “Fedro”, desconfiava da escrita: ela enfraqueceria a memória e produziria aparência de sabedoria. Errou. A escrita não empobreceu o pensamento; obrigou quem escreve a estruturá-lo e expandi-lo.

A taxonomia de Bloom organiza habilidades cognitivas: lembrar, compreender, aplicar, analisar, avaliar, criar. Tecnologias anteriores terceirizaram sobretudo operações instrumentais ou etapas mais básicas.

A escrita aliviou a memória. A calculadora, o cálculo. O Google, a localização da informação. A IA generativa alcança também o topo. Executa, em segundos, tarefas que classificamos como analisar, avaliar e criar. Sócrates desconfiou de uma ferramenta que exigia elaboração; esta a entrega pronta. E não existe andar de cima para onde subir.

Entregamos aos jovens uma máquina que produz respostas quando eles deveriam construir a competência de produzi-las. Não sabemos ainda o tamanho da dívida cognitiva que isso poderá produzir. Mas já sabemos o suficiente para não fingir que o problema não existe.

A discussão é urgente. Não para demonizar a IA. Muito menos para proibi-la. Mas para compreender o que ela está fazendo com o aprender, o pensar e o criar de uma geração. E, se alguém tem obrigação de puxar essa discussão, é a Universidade. Ela não foi criada para correr atrás da sociedade. Foi criada para estar à frente.